

Imagens da Saúde na Amazônia

Eduardo Vilela Thielen

Imagens fotográficas, saúde pública na Amazônia, início do século XX. Esses temas se juntam para construir uma história visual e social da saúde na Amazônia.

As fotografias da saúde na Amazônia nos remetem inicialmente ao Rio de Janeiro, onde a fotografia se juntou à ciência e às práticas urbanas de combate às doenças, assim como à memória e à divulgação das suas ações. Consolidada institucionalmente, com a contratação de J. Pinto para o serviço de fotomicrografias do Instituto Oswaldo Cruz em 1908, ela acompanhou as viagens de pesquisa da instituição à Amazônia entre 1910 e 1913, confrontando essa experiência fotográfica com uma já existente desde o século XIX, quando viajantes estrangeiros documentaram imagens exóticas para os europeus e brasileiros contemplarem, alguns deles fixando suas empresas fotográficas na região. Era o período áureo da economia da borracha, responsável por metade das exportações brasileiras, que iniciava seu declínio. Com o intuito de melhorar as condições de trabalho dos seringueiros, as ciências da saúde são chamadas a intervir.

Aí já vemos a primeira idéia que aparece quando pensamos num imaginário criado sobre a região amazônica. Tanto o inferno como o paraíso atraía a atenção de estrangeiros e brasileiros. Ali existia tanto o Eldorado como os perigos de uma natureza selvagem que coloca a vida em risco de sofrimento e morte. Essa dualidade ficou bem expressa na obra de Euclides da Cunha sobre a região, a terra sem história que precisava ser civilizada. E também nas fotografias do período, especialmente nos álbuns ilustrados do início do século, onde a modernidade e o progresso de Belém e Manaus são destacados ao lado de uma natureza pródiga, que necessitava ser melhor explorada e dominada.

Acompanhando obras de infraestrutura, como construção de ferrovias, barragens, modernização de portos, a saúde pública brasileira tomou contato com a realidade sanitária do interior do país, tanto na região das secas como na abundância de águas da Amazônia. Aqui os dois principais nomes da saúde federal no período juntam-se em viagens de

investigação científica e de combate a doenças: Carlos Chagas e Oswaldo Cruz, entre 1905 e 1913, perscrutam e fotografam a vida e a saúde das populações ribeirinhas dos principais rios borracheiros e das principais cidades da região, inspecionam portos, combatem doenças na construção da ferrovia Madeira-Mamoré e na capital Belém. Suas imagens mostram o quadro de uma região com natureza rica mas dificultada pelo inferno da doença, que pode ser dominada com o conhecimento médico-científico. Daí a necessidade de integrá-la à nação que se pensava litorânea, espelhada na modernidade ocidental, civilizá-la através da saúde.

Essas imagens confirmam o imaginário amazônico construído desde os tempos coloniais, mas, a partir da década de 1910, passam a mostrar a ação humana contra a doença, pensada como empecilho para o trabalhador da região executar suas atividades.

Divulgando esse retrato médico da Amazônia e do interior do país, a saúde pública federal transforma-se em Departamento Nacional e cria os serviços de profilaxia rural em diversos estados do Brasil, que passará a mostrar não só a imagem da doença estudada, mas também combatida e podendo ser dominada. As imagens cumprem um papel também educativo e de propaganda, propondo a regeneração do inferno pela ciência, buscando a possibilidade de transformação em rico paraíso pela promoção da sua saúde.

As fotografias da saúde na Amazônia confirmam o imaginário dual sobre a região, afirmando a doença e o paraíso natural, fundamentando, porém, com uma base científica a intervenção pública no sentido de controlar o inferno e os males da floresta, para civilizar o paraíso.

Com o intuito de relacionar tempos e imagens distintos, as fotos do início do século XX foram confrontadas com as imagens em movimento do período e com fotografias realizadas no final do século, leitura que também buscou comparar as condições de vida e saúde das populações da Amazônia nesses dois tempos. Um tipo de pesquisa onde aparece claramente o tempo da memória, a recordação, a história oral, relacionados ao mesmo espaço e a diferentes meios de produção de imagens. A fotografia preto e branco e a colorida, o filme mudo e o vídeo digital, juntam-se para pensar permanências e

transformações, o espaço e a imagem mudados pelo tempo, problematizando o fascínio que as imagens técnicas despertam, em um presente que já foi qualificado como tempo das imagens.

A história pensada com documentos visuais em um determinado âmbito da ação pública, a saúde da região amazônica, onde notamos situações econômicas e sociais distintas entre o início e o final do século passado, refletidas no quadro nosológico da região, mas também permanências, como as principais endemias da Amazônia. Mudam as realidades e a saúde, mudam os meios de registro visual, mas imagens semelhantes continuam. O que nos leva a dizer que a proposta da saúde pública de transformação do imaginário amazônico do inferno em rico paraíso saudável ainda não foi realizada. O desenvolvimento amazônico vem sendo objeto de práticas que têm agravado a questão sanitária e ambiental. A devastação florestal e a urbanização das populações amazônicas fizeram com que as doenças também se urbanizassem. O aumento da população no século tem curvas de deflação nos períodos de crises econômicas da borracha, mas no final prevalece uma grande ampliação com a implantação da Zona Franca de Manaus e suas indústrias eletro-eletrônicas e os projetos de colonização agrária com contingentes vindos do sul do país, desenvolvendo as capitais dos estados e criando cidades hoje de porte médio. As doenças antigas permanecem em novo contexto, enquanto as novas, as crônico-degenerativas, ficam tão significativas como as endemias do passado. Neste contexto as imagens continuam a desempenhar um papel importante no conhecimento e ação pública da saúde no Brasil, não só como registro, mas como meio de divulgação do saber médico-sanitário e sua ação. As novas mídias de imagens estão hoje muito presentes tanto na medicina, com suas novas tecnologias de diagnóstico individual, como na saúde pública, com a incorporação do geoprocessamento para o diagnóstico social de grandes áreas territoriais.

A objetividade da fotografia e das imagens técnicas, particularmente em suas utilizações científicas, sempre foi questionada, mas a idéia do seu caráter verdadeiro, prova de realidade, se perdeu a força que tinha no primeiro século de sua existência, permanece

em amplos contextos sociais. Pensá-las nos seus circuitos sociais de produção, circulação, consumo e permanência, e lê-las com o olhar crítico do presente e do passado, são passos necessários para uma melhor compreensão dessas imagens que dominam nosso cotidiano. Reconhecê-las como objetos com uma linguagem visual historicamente construída certamente é um passo necessário para inverter essa dominação.

Ao olhar para os cartões-postais de J. Pinto, saudando a memória de Oswaldo Cruz e realizando uma fotomontagem auto-antropofágica, vemos um alerta do fotomicrografo, com mais de 40 anos de experiência nessa atividade, sobre a imagem sempre representar a realidade, não ser ela própria. Apesar do seu inegável caráter indicial, a imagem técnica é resultado de uma escolha visual e narrativa, que, no caso das nossas imagens, cria uma história da prática médico-científica construída sobre memórias. Memórias do conhecimento construído, da prática social, da corporação, da instituição, dos eventos, dos homens, enfim, são e doentes. Memórias que com o seu tempo próprio também constroem a história.